

BRACARA AUGUSTA

REVISTA CULTURAL DE REGIONALISMO E HISTÓRIA
DA CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA



B R A C A R A A U G U S T A

DIRECTOR

LUÍS ALEXANDRE CABRAL DA SILVA PEREIRA
(Professor da Faculdade de Filosofia de Braga)

CONSELHO DE REDAÇÃO

LUÍS ANTÓNIO DE OLIVEIRA RAMOS
(Professor da Faculdade de Letras do Porto)

AURÉLIO DE OLIVEIRA
(Professor da Faculdade de Letras do Porto)

ARMANDO MALHEIRO
(Professor da Faculdade de Letras do Porto)

ANTÓNIO FRANKLIM NEIVA SOARES
(Professor da Universidade do Minho)

MARIA DO CARMO FRANCO RIBEIRO
(Professora Auxiliar do ICS da Universidade do Minho)

ALEXANDRA PATRÍCIA LOPES ESTEVES
(Professora Auxiliar com agregação
na Universidade do Minho)

MIGUEL SOPAS DE MELO BANDEIRA
(Professor da Universidade do Minho)

COORDENAÇÃO GERAL
PELOURO DA CULTURA

Nota de Apresentação

*Embora com assinalável e indesejável atraso, que se deve a fatores de natureza imponderável, aqui estamos a apresentar o número 131(144) da revista *Bracara Augusta*, correspondente ao ano de 2023. Como sempre, compõem-no artigos de natureza vária, neste caso sete, ao todo, abordando temas que têm alguma relação com a cidade de Braga.*

*Pela sua extensão e importância para a história da cidade, na época do liberalismo, chamamos a atenção para o artigo de José de Sepúlveda Macedo “Braga e a Mudança liberal”, já iniciado no número 130 (143) de 2022, pp. 223-286. O autor identifica a principal fonte de informação para o seu vasto estudo que foi o manuscrito intitulado **Memórias de Braga**, da autoria de João Baptista Vieira Gomes, conhecido também pelo nome de Dr. Chasco. Recorre, contudo, a várias outras fontes, principalmente a inúmeros jornais da época, de variada orientação ideológica, onde vai buscar informações pormenorizadas e, por vezes, muito realistas, que nos permitem ter da vida diária da cidade uma visão interessante e até pitoresca, revelando aspetos dos quais, provavelmente, nem sequer suspeitaríamos. A época escolhida foi a das complexas lutas liberais, tão importante para o futuro político de Portugal.*

No artigo “Sobre a designação ‘capela’ dos Monges”, de Eduardo Pires Oliveira, explica o autor a origem da expressão “capela dos Monges” dada ao belíssimo espaço existente no edifício da basílica dos Congregados, da autoria de André Soares. A designação de monges aplicada aos padres oratorianos é, realmente, inexata porque eles, na verdade, não eram monges. Não tinham hábito, como os franciscanos ou os dominicanos, nem rezavam em conjunto as orações no coro. Contudo, a designação terá nascido do facto de, já desde o século XVII

e princípios do XVIII até à atualidade, se chamar “convento” ao edifício e ser assim que sempre foi conhecido, popularmente. Por outro lado, o autor defende que o belíssimo espaço não deveria identificar-se por capela da Senhora da Aparecida (designação que parece ter-se iniciado com Robert Smith), mas antes por capela de Nossa Senhora da Conceição ou da Imaculada Conceição, cuja imagem ainda existe e é exposta à veneração dos fiéis em época própria. O autor não se opõe, contudo, a que se continue a chamar monges aos padres oratorianos porque foi assim que, desde sempre, foram conhecidos em Braga.

*O estudo “Os (carto)grafismos de um manuscrito setecentista de memórias: notícias íntimas do **Teatro da Guerra**” tem como autores os professores universitários Miguel Sopas de Melo Bandeira, Ana Maria Macedo e Mário Gonçalves Fernandes. O manuscrito analisado encontra-se no Arquivo Distrital de Braga, tem cerca de 700 páginas e é da segunda metade do século XVIII. Embora sejam as memórias de um mercador de Braga, muito provavelmente Miguel Luís Araújo (1740-1801), não têm caráter autobiográfico. Escritas ao longo de 35 anos (1755-1790), iniciam-se após o terramoto de Lisboa, a que o autor escapou com vida. Nele podemos encontrar eventos da vida corrente, desde descatos públicos até a obras e inaugurações, às fugas de presos, à vida quotidiana dos conventos, mas também a factos da vida política, como nomeações e legislação; ou ainda, acontecimentos raros, como o nascimento de crianças siamesas ou desvio dos comportamentos sociais, de que é exemplo a mulher fugitiva que andava disfarçada de homem. Os autores analisam ainda pormenorizadamente as três únicas ilustrações insertas no manuscrito, que se relacionam com o relato dos acontecimentos relativos à Guerra dos Sete Anos (1756-63).*

De João M. Fernandes apresentamos o artigo “O primeiro jogo oficial de futebol de âmbito nacional do Sporting Clube de Braga” que se realizou em junho de 1923. O artigo segue o percurso do Sporting de Braga desde a sua fundação até esse primeiro jogo de âmbito nacional. É mais um excelente contributo para esclarecer definitivamente a história do mais importante clube desportivo da cidade de Braga.

Não podia a revista Bracara Augusta deixar de referir uma figura ímpar do pensamento e da cultura portuguesas que, não sendo natural da cidade de Braga, aqui viveu vários anos e aqui desenvolveu talvez a parte mais significativa da sua atividade docente. Referimo-nos ao jesuíta Padre Júlio Fragata, professor na Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, onde ensinava História da Filosofia Moderna. Nasceu em Bragança, em 1920. Celebrámos, portanto, há três anos, o centenário do seu nascimento. Para além da atividade como docente na Faculdade de Filosofia de Braga, onde começou a ensinar em 1954 e da qual foi diretor durante 15 anos, esteve incumbido da Regência da cadeira de História da Filosofia Moderna na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e dos cursos ministrados no Brasil. É de salientar ainda o seu grande empenho no lançamento da secção de Viseu da Universidade Católica e da Extensão na ilha da Madeira da mesma Universidade, das quais também foi diretor. O artigo, escrito por uma sobrinha, também ela investigadora, tem a relevante particularidade de, recordando as conversas que com ele teve, nos permitir captar “ao vivo”, digamos assim, a sua maneira de filosofar através do diálogo sereno e arguto, método que vem, aliás, desde as origens gregas da filosofia. O município de Braga já soube reconhecer a importância cultural desta personalidade tão relevante, conferindo o seu nome a uma avenida da cidade.

Por ocasião dos 110 anos dos primeiros contactos da Confraria do Bom Jesus com Raul Lino, escreve José Carlos Gonçalves Peixoto sobre a obra que o grande arquiteto português, um dos mais importantes do século XX, deixou no Bom Jesus do Monte, entre 1913 e 1936. Julgamos que muitas pessoas, mesmo de Braga, não terão conhecimento destas intervenções, mas ficamos agora a saber que Raul Lino projetou algumas importantes obras no espaço do Santuário, nomeadamente, o parque de diversões, o casino, o coreto, a casa dos capelães, a casa das estampas, quiosques e apeadeiros do ascensor, bem como melhoramentos nos hotéis. O autor do artigo enriquece o seu precioso trabalho com uma breve resenha histórica da vida e obra do multifacetado arquiteto, enquadrando-o nos mais importantes movimentos artísticos do século XX em Portugal.

Como sempre, deixamos aqui o nosso agradecimento a quantos contribuíram para tornar possível o presente número da revista Bracara Augusta. Os nossos agradecimentos vão, em primeiro lugar, para os autores dos artigos que, generosamente, nos dão a oportunidade, através da sua investigação, de aprofundarmos os nossos conhecimentos sobre a rica história da cidade de Braga, no presente caso desde o século XVII até à atualidade. Depois queremos lembrar todos os funcionários do Arquivo Municipal, não esquecendo o técnico informático que compõe as páginas da revista. A todos o nosso reconhecido agradecimento. E, por fim, não podemos também deixar de lembrar a quantos se dedicam à investigação histórica que a Bracara Augusta é o espaço indicado para dar a conhecer a um público amplo os resultados das suas investigações. Ela é a sua revista.

Luís da Silva Pereira